

QUINTA-FEIRA
Lisboa--9 de Junho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO



sempre **fixe** 5
semanário
humorístico

Vendeu
Ex. mo Sr.
de Alvarães
Apelo,

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

CAVALARIAS ALTAS



A C. M. L. teve a genial ideia de mudar para a Avenida as estatuas de Queluz. Como genio puxa genio, Sempre fixe propõe o aproveitamento dos corceis para a policia montada.



Os ditos da semana



O homem é um ser essencialmente perverso e não é preciso que se revista da figura dum *chauffeur* para ser um monstro de fauces tão hiantes como os dragões da lenda. A mulher, pelo contrario, — pobre martir que o homem subjuga — é um poço de virtudes. Todo o mal que vem ao mundo, do homem deriva, como se já estivesse esquecida a scena biblica da maçã paradisiaca, em que Eva enganou Adão e, ao contrario do que hoje sucede, Adão foi obrigado a desposá-la e a sustentá-la pelos seculos dos seculos além.

Quando o homem prepetra o crime não ha mulher que lhe resista. Tomando, como Belzebuth, a figura que quer, o homem reveste-se da forma dum *chauffeur*, mete dentro do taxi duas menores angelicais e ele ahi vai por essas ruas fóra — pó-pó, pó-pó, a caminho do crime e da devassidão. Pelas ruas ha policia e ha gente, mas as pobres crianças, tranzidas de medo, nem forças teem para gritar. A virtude, pressentindo que vai ser desvirtuada, embrulha-se-lhes na garganta e nem um suspiro lhes permite soltar.

Fóra de portas, vão aos pasteis de nata, e as inocentes crianças devoram-nos cheias de pavôr mas acalentando a esperança de que os pasteis estejam envenenados e a morte venha libertá-las da deshonra e da vergonha.

Podiam ter pedido socorro na loja que forneceu os pasteis, mas ao balcão estava uma fera terrivel — um homem — que podia ser cúmplice do *chauffeur*, e calaram-se horrorizadas. Beberam do branco, convencidas que bebiam do tinto, quando a verdade é que o pobre Colares se tinha ruborizado de vergonha.

Nas terras abandonadas colheram papoilas, convencidas de que aquela era a sua tarde de quinta-feira de Ascensão e que não lhes ficava mal apanhar a espiga e até talvez confiadas em que um milagre do céu as livraria das garras do seu algoz.

Depois do crime, regressaram a casa no mesmo taxi, guiado pelo mesmo monstro, e aquelas boquinhas inocentes não soltaram um clamôr, nem um protesto, julgando talvez que naquele deserto do Conde de Redondo ninguem lhes acudiria.

O numero do taxi não o viram ou, se o viram, não pensaram na conveniencia de o fixar, porque, infelizes ingenuas de quinze anos, não sabiam da existencia da policia nem da justiça.

Pobres donzelas!

Os marotos dos homens!



Aos higienistas voltou a febre de combater o beijo. Mas que beijo combatem eles? O beijo maternal? O beijo de amizade que trocam duas amigas, em duplicado, ou seja

um por cada bochecha? O beijo com que é moda premiar-se os herois, quando ao peito se lhes coloca uma comenda ou uma Cruz de Guerra? Ou será, porventura, o beijo d'amôr, o beijo dos namorados ou dos amantes, o beijo que, ou já está proibido pela moral social, ou não se pode proibir?

Se se trata dos primeiros, louvamos inteiramente a attitude dos medicos higienistas, porque não ha nada mais desagradavel do que o beijo de homem para homem, bigode contra bigode, artificial, sem intenção, sem calôr e sem crime.

O beijo maternal, esse, seria um sacrilegio proibi-lo.

Mas os ultimos, o beijo dos namorados, bem podem e bem devem eles combatê-los, para que tenham mais merecimentos e mais encantos. Combatê-los é tornar o fruto

cada vez mais proibido e portanto mais desejado.

Um beijo de escapadela no desvão de uma porta ou no esconso de uma janela está fóra e acima das leis da higiene e não se dá — apparece dado. A gente sabe lá como aquilo foi...

Estas esquisitices só lembram aos sabios higienistas quando dobram a casa dos sessenta e quando já os não morde o mosquito do amôr, que é o mais perigoso veiculo destas doencas infecciosas do coração.



Os americanos elegeram rainha da beleza mundial uma americana. Parece que o facto espantou muita gente. Houve quem se capacitasse de que os americanos organizaram o concurso de Galveston com os olhos postos na Porcalhota.

A nossa gente não sabe que o Papa é sempre italiano, apesar de tambem ser eleito num concurso internacional, apenas com a diferenca dos candidatos não terem de se exhibir em fato de banho.

Miss Portugal ficou sendo Miss Portugal, e nem por isso ha de voltar de Galveston mais feia, nem com as pernas tortas, ela que, segundo dizem os que a viram, é uma rapariga toda tirada das canelas.

Estes concursos deviam limitar-se sempre a um unico pais, porque essa seria a maneira de se eleger a que fôsse mais bonita *de verdade*. Se assim tivesse sido, Miss Portugal seria rainha da beleza em Portugal e não contaria no seu activo uma vitoria e uma derrota.

E, a proposito, em que se parece Miss Portugal com Napoleão? Em que ambos conservaram a corôa da realza enquanto reinaram na sua terra, e ambos a perderam quando pretenderam ser reis do mundo.

Demais, a Porcalhota não podia ser berço de uma monarquia... nem Guimarões consentiria numa coisa dessas.

KAMERADE



**Ha mais marés do que marinhos
mas ha marinhos que valem
uma maré e uma marinha**

Bom humor

Ele:—Os sábios inventam os provérbios e os idiotas repetem-nos.
Ela:—Que sabio inventou o que acabas de dizer?

* * *

O pai:—Que dirias tu se eu viesse jantar com umas mãos tão sujas como as tuas?

O filho:—Seria bastante educado para não fazer nenhuma alusão.

* * *

A mãe:—Dás-te bem com teu irmão?

Alice:—Sim, mamã. Ele e eu só fazemos o que eu quero!

* * *

Na aldeia:

João do O':—Para que metes tantas vacas numa estrebaria tão pequena?

João do U:—E' que quero fazer leite condensado...

* * *

Acidentes de caçador:

—O senhor viu passar por aqui uma lebre?

—Sim, senhor!
—Ha quanto tempo?
—Ha três meses!

* * *

Ela:—Esse é o meu retrato? Parece que tenho vinte anos mais!

O pintor:—Lembre-se a senhora que a minha arte é futurista...

* * *

—No dia do nosso casamento sairemos de automovel.

—Vamos para a nossa lua de mel?
—Não, para o hospital.

* * *

O gafuno:—Cavalheiros, tenham a bondade de entregar-me a carteira!

João a José:—Vou aproveitar a ocasião de te pagar os quinhentos escudos que me emprestaste...

* * *

—Este Antonio está cada vez mais distraído. Ontem boijou uma mulher por equivoco.

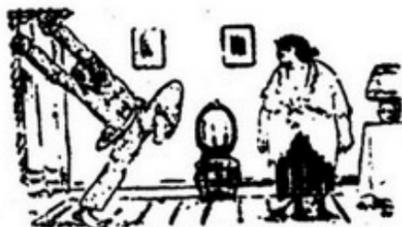
—Julgou que era a esposa?
—Pelo contrario. Não reparou que era ela...

* * *

Na aula:

—Tua mãe dá-te cinco tostões. Gastas um e perdes dois. O que é que tu tens?

—Um par de bofetadas!



—*Ele:*—Já não estou para te aturar. Vou-me pôr ao treco agora mesmo.

Ela:—Não podes.
Ele:—Qual não posso...
Ela:—Não sabes que a criada te está cosendo as calças...



A's seis horas da tarde, fixas e prefixas, e dentro duma pontualidade e ordem completamente germanicas, deu-se começo á corrida em honra dos nossos hospedes, os alemães da esquadra surta no Tejo.

Os touros encontravam-se já nos respectivos curros, formados a dois, pela seguinte ordem: dois de Emilio Infante, uniformizados de azul e branco (côr suspeita), dois de Silva Vitorino, idem de verde (estão verdes!), dois de Norberto Pedroso, idem de azul e amarelo (que desesperol) e dois de Joaquim dos Santos côr de rosa (som espinhos).

A ordem de saída não foi a da formatura, o isto para dar uma nota portuguesa, vincando a nossa fantasia imaginativa e ensarilhadora.

Surgiu a asemola, com dois caixotes do aramo farpado, e seguiu-se-lhe a grande parada de infantaria de Tutschwenker e cavalaria, esta comandada pelos *Stierkampf Zu Pferde* José Casimiro e rebentos Manuel e José Junior.

A' ordem do *Direktor der Veranstaltung* Eduardo do Macedo, que in *ilo tempore* teve uns bigodes deliciosamente imperiais, tocou o cornetim mavortico e walkiriano, e começou o desfile das forças nacionais.

A primeira demonstração belica foi entre *Herr* José Casimiro e um bravo touro de *Herr* Emilio Infante, resultando o encontro animado e divertido.

A continuação esteve a cargo dos *Tutschwenker* Custodio Domingos e Rafael Gonçalves, que conseguiram dar guerra a um pacifico *Stiere* do *Herr* Vitorino. O terceiro foi um autentico *emboscado*, pelo que o heróico Manuel teve que podir segundo adversario de *Herr* Santos, tão

emboscado como o primeiro.

E aqui perde o cronista de guerra a boa ordem para não desmentir a nacional desordem. A outra motralhadora de *Herr* Santos não era do melhor disparo, mas o artilheiro José Junior tal arte se deu que conseguiu fazer três farpas por minuto curtos... enormes!

Dois de 42 saíram para os *Zepelins* a cavallo e para o *Stierkampf mit saebel Armillita*, um de *Herr* Pedroso e outro de *Herr* Infante. O primeiro saiu solto da primeira vara e tomou mais duas, tardando e fazendo coisas feias. O segundo arrancou-se três vezes, *reccorgando* e decubando *codicioso*. Saiu finalmente outro de *Herr* Pedroso para o quartel-mestre *José Casimiro*, que exhibiu a sua estrategia de bem experimentado tactico.

Bine gruppe de forcados pegou em disciplinada ticha, formados a um, e foram perfeiçissimos na demonstração de quedas do aeroplano, caindo projectados de consideravel altura, e ainda nos estragos produzidos pelos gazes asfixiantes, tontos da cabeça e mãos na barriga, como se fossem gritar pelo Gregorio.

Mas o melhor da tarde foi a colaboração da banda da *Deutschen Plotte*, rompendo com a *Portuguesa*, seguida duma peça de grande calibre que atirou do pantanas com a nossa *Marcial Artística*, que é tudo que ha de menos marcial.

E depois de os ouvirmos e aplaudirmos, quasi que não demos por um rumor que vinha de cima, completamente em surdina.

—Ai Marcial, Marcial! Que grande corrida!

Herr Pérez La Chézzen.

ALTURAS...



—A quantos metros de altitude está o hotel?
—A dois mil e duzentos.
—Mas, quando eu aqui estive em 1913 disseram-me que estava apenas a quinhentos.
—Então o senhor não sabe que depois da guerra tudo subiu extraordinariamente?

RIMAS

(Ao «Sempre fixe»)

Em *gracôis* de gazetas,
Ha muito ali quem capricho,
Mas *graças* finas, correctas,
—Deixemo-nos cá de trêtas!—
São todas do *Sempre fixe*.

Ainda eu seja mais preto
Do que preto é o azevicho,
Se não tenho já o projecto
De celebrar num soneto
A graça do *Sempre fixe*.

E, se no verso não dêr,
Vai mesmo em prosa o *espiche*,
E que o leia quem quizer,
Que ha de ficar a saber
Quanto vale o *Sempre fixe*.

Gosto dele porque zimbra
Em tudo quanto se auiche,
Sem tarimba nem Coimbra,
E' que em zurzir ninguem timbra
Conto o nosso *Sempre fixe*.

E fica de prevenção
Ao videirinho que abicho
Posta grossa sem razão,
Pois jamais terá perdão
Do severo *Sempre fixe*.

E' verdade: não perdôa
Mesmo a amigos... do Peniche.
Ha muitos cá por Lisboa,
Mas a todos abordôa
O valente *Sempre fixe*.

E ninguem mais fino escreve,
Ainda que a pena lixe,
Que o jornalista proserve
A linguagem de almocrevo
Quando faz o *Sempre fixe*.

Mesmo que a sorte, em baklões,
Me doettere p'ra Carriche,
Puxo da bolsa os cordões
E mando os cinco tostões
P'ra comprar o *Sempre fixe*.

Lá pelo pino do inverno,
Hei de pintá-lo com picho
Para assim ficar eterno,
Pois quero, mesmo no inferno,
Lêr ainda o *Sempre fixe*.

Mdo.



—Disseram-me que te tinham visto ontem com um homem.



—E' falso, Julio. Eu ontem saí contigo.



—Ahi desgraçada, então sempre era verdade!...

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Tereza Gomes e Alvaro d'Almeida

A revista impera e ameaça subverter, no verão, todos os teatros. Anuncia-se uma revista em Avenida, outra para o Politeama e uma terceira para o S. Luís.

O que ha de o publico fazer em face de tantos espectaculos no mesmo genero? Pedir aos autores perdão de todos os seus pecados...

AQUILLA carta do Frois e do Chaby Pinheiro, publicada no *Diario de Lisboa*, era tão branca e tão inocente que não houve ninguem que ficasse convencido da sua sinceridade. O piol são os adjectivos, quando se confundem com os nomes proprios...

Não teria sido melhor ficar um, pelo menos, no tinteiro?...

A *Tosca* foi um sucesso. O publico descambou em sono e o Erico não se poudo contar: no ultimo acto, cantou a celebre *romanza*. Tão bem—que morreu antes de tempo: a peça só vai quatro dias!

O Lino Ferreira tardou—mas chegou. Esbaforido e com ideias. Durante a viagem, pensou, traduziu e arranhou: 8 revistas, 4 comedias e 3 farças. Foi o maná que caiu do céu. Vão vêr agora o que é o *Cosido á Portuguesa*... Faltava o cosinheiro-chefe para os acepipes...

JOAQUIM Almada realiza brevemente a sua festa com o *Patriota*.

Ousamos recomendar ao publico a peça e o artista, facilitando assim a missão do sr. dr. Afonso Costa, retirado em Paris...

LEA Niako é uma autentica beleza oriental. Nasceu na Indo-China, mas é filha duma senhora alemã e de um categorizado personagem persa que a acompanha.

Pelo visto, a salada é apetitosa. Apresenta-se ao natural e faz variedades.

O Padre Antonio vai prégar no Gimnasio. Se fôr como Santo Antonio, pode ser que convenço os peixinhos muito raros, na piscina daquele teatro. As linhas andam tão arredadas da palavra de Deus...

O Bairro Alto irá mais longe do que a Mouraria? Questão dos fados!

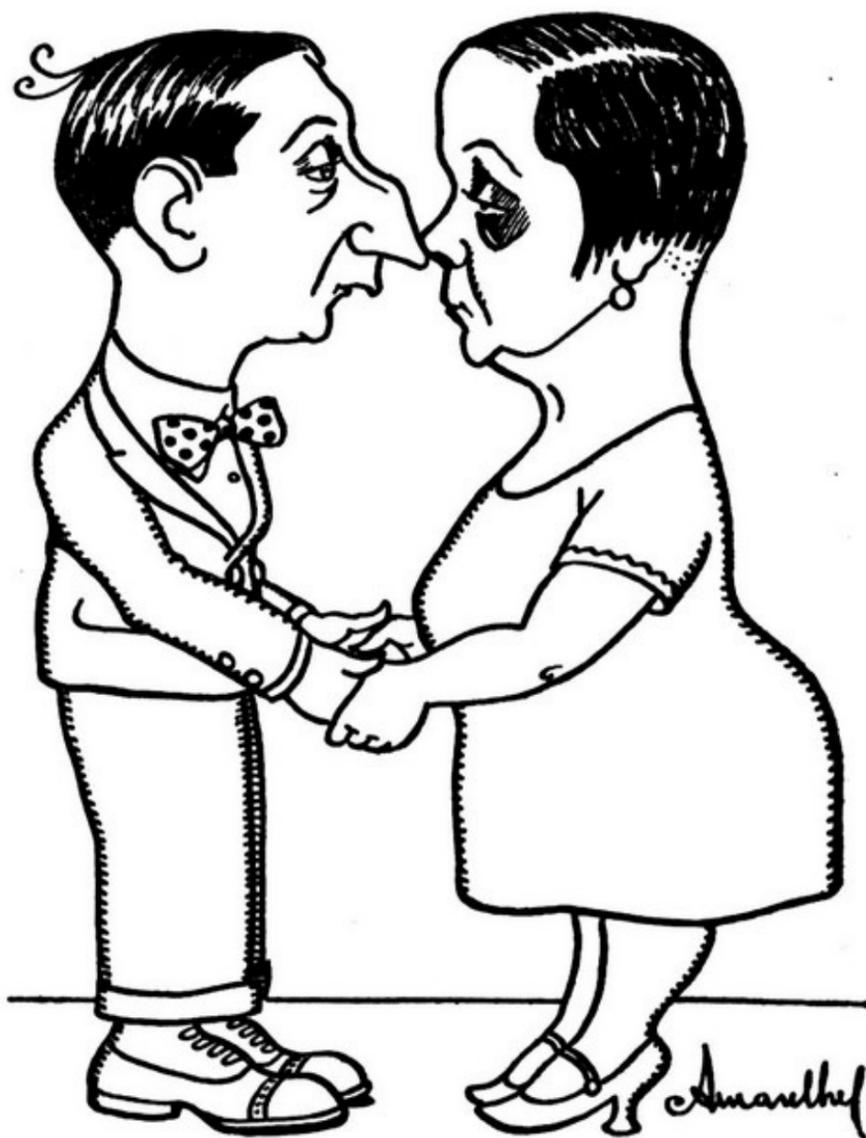
DIZEM-NOS que o sr. dr. Mario Monteiro desistiu dos seus direitos na *Estrada de Alva*.

Com dez autores como este, salvava-se o teatro português!

A *Madragôa* já deu que falar, mesmo antes da representação. Nos bastidores urbanos, os ensaios decorrem agitados... Todos querem ser autores da futura opereta. Mas só ha um verdadeiro—o Antonio Carneiro. Confiamos no seu talento, já que muitos não respeitam a propriedade alheia...

LEOPOLDO Frois já desistiu de ir fazer a sua cura de aguas a Vichy. Terá receio que o seu automovel, com a carga, tenha alguma panne no caminho?

O Homem das 5 horas



Deus faz as almas aos pares, mas não faz aos pares os narizes



Passavam já algumas horas sem ter pescado nada, quando o sr. Saturnino foi surpreendido por um ruído que lhe fez voltar a cabeça. Um homem lançara-se á agua, na intenção de se suicidar.

— Este tem uma maneira muito original de pe car: atira-se á agua para apanhar os peixes á mão — pensou o sr. Saturnino, com tentações de fazer o mesmo.

Mas nisto, o suicida, vendo que a profundidade do rio não era sufficiente para o afogar, sai da agua com o fato a escorrer, como era natural.

Decidido a nesse dia acabar com a vida, tira do bolso uma corda de que por providencia se munira e, feito o nó correto, pendura se pelo pescoço a uma arvore.

No dia seguinte, aparece o cadaver dependurado na arvore e o regedor, sabendo que o sr. Saturnino andara pescando por aqueles sitios, foi procurá-lo para o interrogar.

— O sr. Saturnino, quando ontem andou pelo rio, viu um homem que se enforcou. Porque não disse nada? Porque não evitou que o fizesse? — Como ele primeiro se tinha deitado ao rio, julguel que se tivesse posto na arvore a secar...

CRISE

de subsistências

Como o caro sai barato

O major Zarcão tinha geito para pai de família. Tanto geito ele tinha que a D. Felícia contava pelos miúdos os anos de casada. Ainda na semana anterior tinha nascido o quinto, o quinto.

Zarcão vivia do sakdo e a carestia da vida atrapalhava-o. O preço da mão de vaca tornara-o violento e a saudade do bacalhau envenenara-lhe o espirito. E desta vez, a D. Felícia não tinha uma gota de leite... Sequinha de todo.

Já se vê que o major deitou anúncio: «Ama da provincia, robusta».

Logo de manhã veio a primeira, um mulhêro do Bombarral, capaz de criar uma ninhada.

O major quiz assistir ao ajuste. D. Felícia, no corredor, obtemperou-lhe, meiga:

—Não faças disparates, Zarcão. Se fór muito caro, não ajustes, olha que gente não pode...

—Vamos a vêr, deixa-me falar...

—Bem, diga as suas condições, senhora ama.

—Eu, senhor major, ganho duzentos escudos, mais no que respeita á comida...

—Espere ahí, senhora ama... Dá cá um papel, Felícia!

—São ontão duzentos mil réis. Já cá está, diga mais...

—Almoço de garfo, já se vê... pelo meio dia; provavelmente toma-se o café ás 9... e o pão com manteiga...

—Com que então, almoço de garfo ao meio dia—trovejou o Zarcão.

—Sim, senhor, com dois pratos, é o meu costume...

—Bem, já cá está; vá dizendo...

—Pela meia tarde, um copo de leite... Meio litro, basta.

—Oito tostões, diga mais...

—Depois o jantar: eu, quando crio, como sempre carne... está bem de vêr. E umas hervas...

—Vá, diga...

O major ia escrevendo parcelas.

—A' noite...

O major trovejou:

—O quê?

D. Felícia acalmava-o:

—Socega, Zarcão, nós não podemos, cocega. A senhora ama tem paciência, nós não podemos...

O major berrou mais forte.

—A' noite o quê? diga.

—Era outro copo de leite, senhor major... Um litro: ficava metade para de madrugada...

D. Felícia continuava agarrada ao marido, a pedir que não se exaltasse, que deixasse... Vinha um biberon.

—Cala-tel!

Zarcão, de pé, vermelho, com o lapis na orelha, trovejava.

—Soma tudo isto novecentos escudos, senhora ama, ouviu? Novecentos escudos!... Tudo quanto eu ganho no quartel!

D. Felícia, a pendurar-se nele:

—Ouve, Zarcão, ouve...

—Cala-tel berrou o major. A senhora ama fica. Pode ir buscar a sua trouxa...

E depois, mais manso:

—A senhora ama fica, ouviu, fica, mas... mamamos todos... ouviu? Mamamos todos!

(Pela copia)

João Zero.

A NOVELA DO "FIXE"

Um bom futuro

A Zefa de Fanhões era uma excolente rapariga, trabalhadeira e que, pela sua idade casadoira, já tinha as suas inclinações de ha muito tempo.

Era o Manel da Moita o escolhido e que tambem bebia os olhos por ela.

Mas, a pobre da Zefa tinha o seu Manel em Lisboa e só de vez em quando ele lhe aparecia, visto que o seu mister de isso o inibia.

Cinco anos se passaram nestas visitas intermitentes, até que a Zefa, mais expedita, disse-lhe:

—Manel, isto assim não vai bem. Se este estado se prolonga, nós casaremos só quando formos velhos.

—O' ric. Zefa, disse-lhe o Manel, podem anunciar que daqui a um ano teremos dado o nó... Já vez que, enquanto eu o tiver o pé de meia necessario para levar essa cruz ao calvario, não vou nisso. Pouco tempo falta, rapariga...

—Deus te oiça porque é uma vergonha...

Ora o Manel era soldado. Já tinha feito o seu serviço e agora estava no lugar de um outro, por ordem financeira...

Estimado pelos seus camaradas e officiais, era tido como um dos melhores artilheiros da sua companhia e não houve revolução em que não tivesse entrado. Para ele, bala na peça era o mesmo que bala na *mouche*.

Por estas evoluções, o Manel tinha juntado o seu vintom. Não era muito, mas chegava para começo de vida, com a ajuda do braço da Zefa.

Um belo dia, o Manel teve trinta dias de licença e foi vêr a sua Zefa.

Os aros politicos andavam um tanto turvos e os presagios de proxima bernarda acentuavam-se dia a dia.

—Onde está o Manel, perguntou

—Onde está o Manel, perguntou, pressuroso, o capitão da companhia ao sargento.

—O Manel, meu capitão, foi ontem de licença á terra.

—Vão-no buscar já.

—Mas, meu capitão...

—Não ha mas nem meio mas... E' um elemento precioso para a nossa causa. Não ha que hesitar: mandem-no recolher já á unidade.

E assim foi. Ao pobre do Manel, mal tinha chegado ao portal da sua Dulcinéa de Fanhões, uma ordem

obrigou-o a recolher á sua unidade.

Deu-se mais uma revolução e ele, que, como sempre, marcou por bom artilheiro, foi elogiado na ordem.

Um mês depois, estava livre da vida de caserna! Era paisano e só ensava na sua Zefa e nos projectos conjugais.

Os seus officiais quasi que fizeram uma predica aos camaradas de companhia, enaltecendo-lhe as suas qualidades de soldado artilheiro, obediente e disciplinado. Numa palavra, a saída do Manel era uma perda que talvez não se pudesse preencher.

A alegria que se apossou da Zefa, quando ele chegou á terra, não se descreve.

Os rapazes da aldeia ficaram do cara á banda quando viram tornar-se em realidade esse inacreditavel enlace.

A grande dificuldade era encontrar um modo de vida, e essa era a sua maior preocupação e a dd Zefa tambem. Havia um determinado capital, mas nem por sombras chegava o rendimento para um pão. Esse capital era preciso empregá-lo.

No entanto, ele alvitrou empregar-se e a Zefa aplaudiu.

—Que diabo de emprego has de tu arranjar? Olha, talvez o escrivão te pudesse tomar como ajudante.

—O' filha, eu não sei ler—disse o Manel.

—Mau! Então para o escritorio do juiz.

—Isso é pior... E' preciso saber escrever.

—Olha. E continuo da repartição de finanças?

—Tambem não. E' uma vida onde se passa o dia sentado...

—Então, estabelece-te com uma mercearia.

—Tambem não. Não tenho gelteira nenhuma para o balcão...

Nisto, a ingenua Zefa, depois de dar tratos á cachimonia, exclamou, triunfante:

—Achei!!! Achei, meu Manel, o vida que te convém! Empatás um bocado de dinheiro mas fazes fortuna pela certal...

—Como assim?!...

—Tu és ou não um bom artilheiro?

—Disem todos que sim...

—Pois bem, compras uma peça de artilharia e estabeleces-te, por tua conta, na Rotunda!!!...

Reporter B.



O oriado: — Disseram-me que o senhor se casou. Devo inclui-lo na minha lista?

O cavalheiro: — Qual lista?

O oriado: — Na lista dos socios que não estão quando as esposas os chamam.

Fitas faladas

Brrrr!... Enganando a Morte!... A Tipóia n.º 13!...

O Tivoli desafia todas as superstições. Não o felicitamos porque o programa desta semana é a puxar para azar. O numero 13 sempre foi um numero fatidico, principalmente quando está um calor de 30 graus á sombra.

Mal me tinha sentado no *fautcuit*, quando surgiu o Fred Thomson a abrir a boca. Todos sabem que o bocejo é comunicativo; adormeci como um justo e tive um pesadêlo. Sonhei que o Tivoli continuava a trazer fitas com cavalos, que o Central impingia todas as semanas novos filmes com o Ricardito e que o Olimpia não largava os cine-folhetins em muitissimos episodios. Quando acordei, ainda o *Italo* do cavalinho fazia habilidades; mas estava proximo o intervalo reparador e decidi aproveitar a tipóia para voltar a casa.

Xavier de Montépin foi um cavalleiro que teve o bom-gosto de não viver no nosso tempo. Se tal tivesse succedido, eramos nós os assíduos leitores dos seus romances com um envenenamento em cada pagina impar e o respectivo enterro em cada pagina



O cavallo, com cara de espectador:—Não me faltava mais nada! Nove partes a puxar por esta traquitana, e ainda ter que gramar este marmarinho.

par. Morriam sempre 98 por cento dos personagens, ficando apenas os dois indispensaveis para o enlace do desenlace.

Ora já que nossos avós nos fizeram o favor de lêr tudo isso por nós, porque seria que certo encenador germanico se lembrou de resuscitar uma daquelas traquitanas? Logo por azar foi uma das piores: *Le fiacre n.º 13*, que comoveu todas as cosinheiras do outro seculo. Como todo o adaptador que se presa, o homenzinho meteu obras; pode mesmo dizer-se que meteu obras... e lagartos. Cortou aquilo ao meio e modernizou tudo; preveniu a policia, que prendeu todas as quadrilhas que intestavam o romance; não assassinou ninguem, mas assassinou o livro. Onde devia estar um fiacre, pôs uma tipóia e onde havia uma ingenua pôs... a Lily Damita, em que a ingenuidade fugiu toda para as pernas. A Lily traz com ela uma Ex.^{ma} Sr.^a D. Plastica que, só por isso, vale a pena aturar todas as nove soporíferas partes.

O argumento é a historia duma menina engatada mas geitosa que, como succede a muito boa gente, não sabe quem é o pai. Uns diziam que ela era filha do Biensfeld e duma tipóia qualquer, mas o John Traver interessa-se pelo caso e vem a saber que o papá é um cavalleiro que pinta as olheiras com café. Mesmo assim, ainda houve quem dissesse que ela era filha dos dois; chamavam-lhe até Suzana Pais...

O Lorient fica muito triste por ela ir chamar pai a outro, mas a Suzana arranja uma grande desilusão e percebe que não ha nada que chegue ao saxofone do Walter Rilla para satisfazer as suas ambições romanticas. Nesta altura, o fantasma de Montépin proibiu a continuação do filme.

Retardador.

UMA ANEDOTA por semana

As glandulas de macaco

O banqueiro Matias Peres era um homem de certa idade, gasto pelos prazeres e pelo alcool. A sua vida decorria amargurada, entre o gabinete da direcção do Banco e a alcova conjugal. Uma unica preocupação o dominava: ter um herdeiro. Debalde Matias Peres consultou médicos e especialistas, sem que o almejado rebento viesse á luz do dia.

Certa manhã, o *Diario de Notícias* levou-lhe uma noticia, atravez da qual ele antevia a realização dos seus sonhos. O dr. Voronoff estava executando com exito a enxertia das glandulas de macaco em velhos decrepitos, fazendo-os regressar ao vigor da mocidade, com todas as concomitantes regalias.

Sem mais delongas, Matias Peres mandou aprontar as malas e reservar lugar no *Sud-Express*, para se pôr imediatamente a caminho de Paris, onde iria sujeitar-se á molindrosa operação, da qual havia de resultar a felicidade sonhada. A esposa, senhora ainda nova, com todas as prendas de sedução, aguardaria na sua casa da travessa da Espera que o marido regressasse de França remoçado, novinho em folha, enfim.

Passado cerca dum mês, voltava Matias Peres de Paris, tão bem concertado, tão novo, tão gentil e tão vigoroso, que até a propria cara metade quasi o não reconhecia, tão apumado e direito de vinha.

Uma nova era de felicidade se abriu a dentro daqueles umbrais, só porque o dr. Voronoff, com rara proficiencia, substituiu as glandulas de Matias Peres pelas glandulas de um sabio e joven macaco, que a Guiné tinha exportado para a Europa, em virtude de uma reclamação apresentada pelas macacas sérias da provincia, que não podiam suportar os galanteios do temível D. João. E, ao fim do certo prazo, D. Micaela, esposa de Matias Peres, anunciava, entre soluços, a seu estremoso marido que ia finalmente ser mãe.

Melhorou-se o jantar o houve feriado no Banco nesse dia, para que o ditoso casal pudesse assistir á representação do *Sempre Fixe*, em *matinée*, e ao *Top-a-Tudo*, á noite.

E, como era natural, passado algum tempo, a feliz esposa tinha o seu bom successo.

Matias Peres, pessoa extremamente delicada e sensível, não teve coragem de assistir. Passeiava nervosamente no corredor, aguardando que a parteira lhe viesse dar a feliz nova, o que não tardou a succeder, porque se tratava, como dissemos, dum autentico bom successo.

Quando a parteira surgiu á porta da alcova, Matias Peres precipitou-se sobre ella, inquirindo:

—Então? Então?

—Muito bem, senhor Peres, a senhora não podia ser mais feliz.

—E diga-me, D. Rosa, eu sou pai ou mãe, sim, quero dizer, se é um menino ou uma menina.

D. Rosa empalideceu e, se não passou a mão pela fronte, limpando o suor, foi porque a não tinha em conveniente estado de accio. Mas Matias Peres insistia:

—Diga-me, D. Rosa, é um rapaz?

—Não sei, retorquiu atrapalhada D. Rosa, por enquanto nada lhe posso dizer, sr. Peres, porque a criança, apenas nasceu, deu um salto para o candieiro de suspensão e ainda não foi possível apanhá-la.



—Olho lá, estas senhores vão bater-se ao sabre ou á pistola.

—Porquê?

—É porque se é á pistola, eu vou pôr as vacas no seguro.

Memorias dum reporter

O ultimo recurso

Antonio Maria de Freitas foi o chefe de redacção mais irascivel e exigente que tenho conhecido. Não admitia dificuldades e não aceitava desculpas quando algum reporter faltava com qualquer noticia. Era, porém, uma excelente pessoa e tão respeitadora das boas maneiras que, quando succedia chamá-lo ao telefone o sr. João Franco, então presidente do conselho, nunca tomava conta do auscultador sem ter vestido o seu fraque, não fosse o Governo vê-lo em mangas de camisa...

Adriano, um dos nossos mais diligentes reporters, estava ao tempo no *Seculo* e, como todos, tinha um medo pavoroso das descomposturas do chefe. Succedeu dar-se nessa altura um crime passionnal que interessara bastante o publico, mas o reporter, por mais esforços que tivesse empregado, não conseguira obter o retrato da vitima: uma rapariga bonita, que nunca se fotografara. Freitas gostou da noticia, mas não levou a cabo a falta do retrato. Podia lá ser—dizia elle—que uma rapariga bonita nunca tivesse tirado o retrato! E, no dia immediato ao da publicação da reportagem, chamou o Adriano e declarou-lhe, arden-do em colera:

—Dê lá por onde dê, o senhor tem que me trazer o retrato da rapariga! Se não m'o arranjar, vai para a rua.

Adriano foi para casa e começou a pensar naquilo. Profissional brioso, custava-lhe ser despedido do jornal como incapaz. E, na impossibilidade de convencer a vitima a fazer na morte o que nunca fizera em vida, fotografando-se, concluiu que só um recurso lhe restava: arranjar outro retrato qualquer. Ora, rapariga bonita, ele só conhecia uma: a sua namorada. Puxou da carteira e tirou de lá a fotografia dela. Olhou-a languidamente, com remorso talvez; mas apenas lhe restava um recurso: matar, jornalisticamente, o objecto dos seus encantos...

E, á noite, quando entrou na redacção, correu á mesa do chefe:

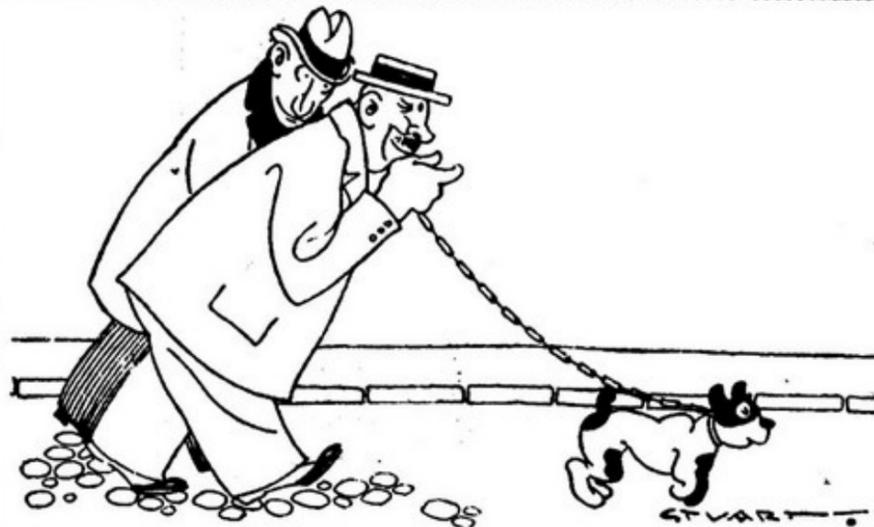
—Aqui está o retrato da vitima, sr. Freitas. Era tão bonita que até faz pena que vá ser borrada pela tinta da impressão...

—Deixe-se de sentimentalismos. Eu sei mais disto a dormir do que o senhor acordado. Podia lá ser que uma rapariga com vinte anos nunca tivesse tirado o retrato...

E, no dia seguinte, sahia no *Seculo*, como sendo a da assassinada, a fotografia da prometida do reporter. Adriano ganhara as suas esporas de ouro, mas perdera um casamento...

Um paradoxo de reportagem

O Gabinete dos Reporters, do Governo Civil, forneceu ha dias nos jornais uma noticia que começava assim: «O habil agente Armelino, da 2.ª secção, esteve ontem a ouvir o surdo-mudo Alberto...»



—Este cão é tão inteligente que conhece o cão do meu senhorio pelo faro.

—Não admira, os cães conhecem-se uns aos outros.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



A mulher:—Meu amor, é preciso que nos divorciemos.

O marido:—Mas tu entonteceste...

A mulher:—Estão-se divorciando todas as minhas amigas e tu não has de querer que eu faça má figura,



—Se continuas a portar-te como uma criança, nunca te ponho de calções curtos...



—Senhora, está ahí o atinador.

—Mas eu não o mandei chamar...

—Bem sei. Foi o visinho do lado.

DESIGUALDADE E FRATERNIDADE



Amigos, amigos, lanchinhos á parte...



PORQUE PERDEMOS O PORTUGAL-ESPANHA

No dia seguinte áquele em que se efectuou o V Portugal-Espanha, logo de manhãzinha, os aficionados portugueses da bola compraram apressadamente *O Seculo* para ler o respectivo relato. E leram, entre outras coisas, o seguinte:

«Depois do match, alguns jogadores portugueses diziam que metade do jogo fôra ganha pela Espanha e a outra metade pelo arbitro. Reconheciam, porém, que estavam um pouco cansados, que fizera muito calor e que não estavam acostumados nesta época, que o campo era relvado e que tinham jogado em terra estranha.»

Os que preferiram o *Diario de Noticias* encontraram coisas semelhantes. A' noite, o papá *Diario de Lisboa* dizia tambem:

«Um empate ou uma victoria 2-1 seria, já forçando a nota, o resultado legitimo. Fomos infelizes e os espanhóis reconhecem-no.»

E todos os outros periodicos afinaram as guitarras pelo mesmo diapason.

O nosso sentimentalismo rãico, a nossa proverbial queda para o choradinho, havia, fatalmente, de fazer-se sentir até dentro do foot-ball.

A cada derrota internacional seguise o estendal das infelicidades—dos azares do Destino.

Basta folhear as colecções dos jornais, reler as criticas, as entrevistas, os comentarios.

E sem exagerar—resumindo todas elas—eis o que nos aparece:

Porque perdemos o I Portugal-Espanha

Era o nosso baptismo em matches internacionais. Entrámos em campo como galuchos no primeiro exercicio de tiro. Pisavamos pela primeira vez um terreno estrangeiro. Jogavamos num ambiente desfavoravel, com um publico que não era o nosso.

De resto, furámos as redes do grande Zamora. E' verdade que foi com um penalty... mas, enfim, marcámos um goal!

O ultimo quarto de hora foi todo nosso. E quando o arbitro apitou para acabar, dominavamos nitidamente...

Por azar, o desafio só durou noventa minutos...

Porque perdemos o II Portugal-Espanha

Foi, evidentemente, o fatal destino! Logo de inicio, uma formidavel shot do João Francisco passou a um palmo da trave. Não entrou, mas o certo é que Zamora nem se mexeu...

Depois, fomos os primeiros a marcar!

Por uma extrema infelicidade, os

rossos homens foram-se abaixo das pernas, na segunda parte. Mas, apesar de dominados, os dois goals que sofremos foram dos tais de grande azar!

A' medida que o fim se aproximava, mais eramos engarrafados. Houve pessimistas que afirmaram que, se o match dura mais dez minutos, era preciso um cabaz...

Mas, aqueles dois goals foram de azar...

E tanta era a nossa pouca sorte, que até o unico remate que fizemos na segunda parte—pelos pés de Torres Pereira—foi defendido por Zamora! Que penal! Um shot tão forte! Tão bem dirigido!

Porque perdemos o III Portugal-Espanha

Ah, bem! Esse, tinhamos que perder! Não vale mesmo a pena falar no terreno estranho e no publico.

Toda a gente sabe os sarilhos que os dirigentes e os seleccionadores arranjaram.

Jogá o Vitor Gonçalves! Não joga o Vitor Gonçalves! O Vitor é capitão, mas quem joga é o Filipe! Não joga o João Francisco, porque tem

que jogar o João dos Santos. Mas, por fim, este tambem não joga, porque o Balbino é de Lisboa, mas representa o Porto!

Houve scenas no comboio! No hotel, em Sevilha, ás duas da madrugada, houve uma desordem que até ia indo tudo para o meio da rua!

Uma catadupa de azares...

De modo que os rapazinhos, coitadinhos, quando entraram no campo, iam já cansados.

Tinhamos que perder por força! O Destino...

Porque perdemos o IV Portugal-Espanha

Ah, senhores! Ahi é que foi o AZAR em letras maiusculas!!!

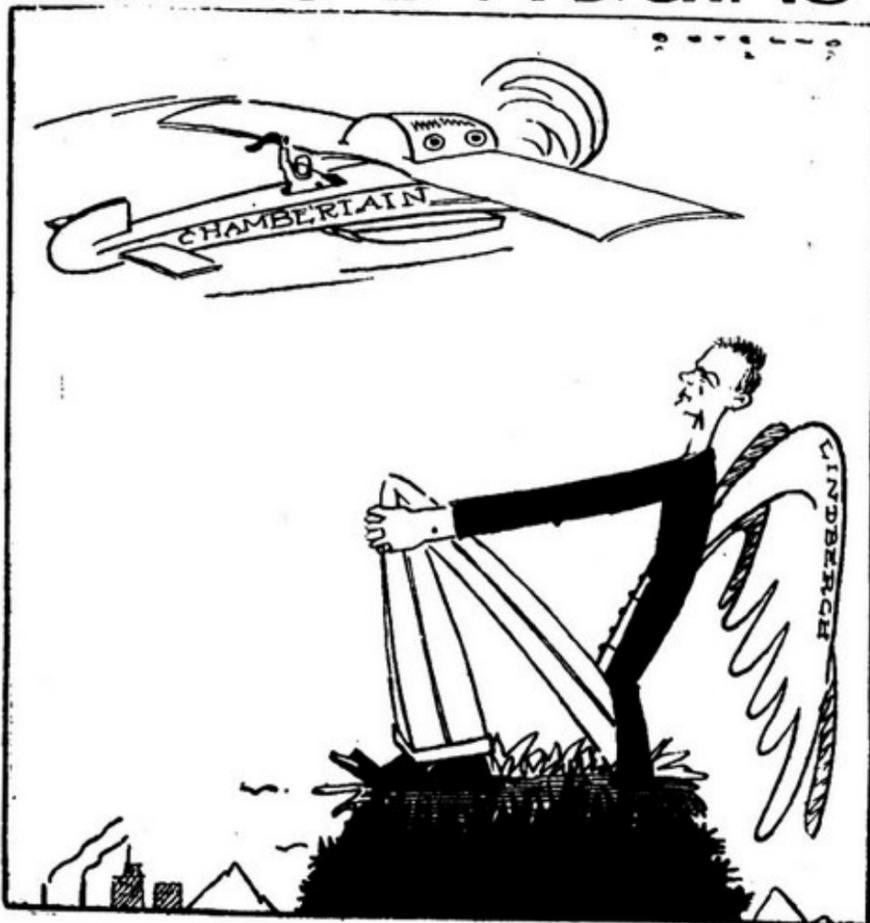
Chegámos á segunda parte, a perder por 0-2. Mas depois dominámos—é inogavel!

Os espanhóis começaram a jogar duro. Começaram a atirar bolas fóra. O Passarin e o Zamora combinaram-se para cada goal-kick demorar cinco minutos.

Em resumo: uma deslealdade espantosa.

E vai d'ahi—perdemos pela quarta vez! Já é azar!!!

DUELO D'AGUIAS



— Pronto... lá se foi tudo quanto Marta flou...

Porque perdemos o I Portugal-França

Isso foi o ano passado, e está ainda na memoria de todos! E' escusado permenorizar.

A erva... As covas... O arbitro... Os franceses muito altos... O Jorge o o Pinho em azar...

O diabo a quatro!—ou melhor: o diabo a onze!...

Porque perdemos o V Portugal-Espanha

Não! Maçar—não vale!

Vossas Excelencias já têm obrigação de saber este fado de cor.

Leiam o *Seculo* e comprem uma guitarra.

Poderão improvisar, sobre os desafios internacionais, com sentimento e boa voz, uns fadinhos apaladados:

Lá no campo de Mdaird impera o fatal destino...

* * *

Os alemães já tinham, em aviação, resolvido o problema de voar sem motor.

Mas, entre nós, fez-se, outro dia, melhor...

O comandante Pereira Gomes, piloto magnífico, que fez a guerra em esquadrilhas francesas, conseguiu aterrar na Amadora—ainda que um pouco contra vontade...—sem trem de aterragem.

Por este bom caminho, a aviação, entre nós—irrá engeitala—ainda terá, por falta de recursos, de voar sem azas...

* * *

O jornalista francês Louis Forest publica no ultimo numero de *L'Automateur des temps nouveaux*, a seguinte saborosa historia automobilista:

«Invernando em Cannes, um automobilista foi multado por um daqueles agentes de policia todos cheios de dourados, como só se encontram em Cannes.

«Um decreto municipal limita a quinze kilometros a velocidade horaria dentro da cidade, e o automobilista tinha andado a mais de trinta.

«O automobilista aceitou de boa vontade o castigo merecido—mas vingou-se razoavelmente...

«Fez cronometrar, por um cronometrista oficial, munido dum instrumento de alta precisão, a velocidade a que costuma circular o automovel do maire... E publicou os resultados: 26 a 40 kilometros!

«Assim, o maire violava o seu proprio edital—e os agentes, todos cheios de dourados, faziam-lhe a continencia, obedecendo mais á lei do respeito que ao respeito da lei!»

Que graça que teria nós fazermos identicas experiencias com os carros do sr. Ferreira do Amaral e do sr. governador civil...

Rebela-A-Bela.



— A casa não deixa de convir-me. Quanto é a renda?

— São duzentos escudos por mês, mas o senhorio não quer cães nem senhoras com o cabelo cortado à «Garçonne».



— Saiba o mê chefe que este tipo não parou ao toque do apito.

— E depois?

— Quando o admoestei, nem ao menos desculpa me pediu.

PENTATLO



— Olha lá, oh! Jorge, o que é isto de pentatlo?

— Uh! filha, fala em voz baixa...

INGENUIDADE



— Porque será que o papá embirra tanto com o primo se ele é tão amigo da mamã...